A EXPRESSÃO FÁLICA PELO OLHAR DO MESTRE: CONSIDERAÇÕES SOBRE A VISÃO E TRABALHO DOS EDUCADORES À RESPEITO DO COMPORTAMENTO SEXUAL MANIFESTO EM SEUS ALUNOS DE TRÊS A CINCO ANOS.

Luan Alex de Mattos[1]
Álvaro Cielo Mahl[2]
Juliano Corrêa da Silva[3]
Lisandra Antunes de Oliveira[4]

Resumo: O presente trabalho explora a sexualidade infantil no período dos três aos cinco anos de idade da perspectiva do educador, enfatizando-se sua visão e forma de trabalho com relação à sexualidade dessas crianças. A bibliografia adequada sobre o assunto foi levantada e, posteriormente, discutida, tendo como contraponto a narrativa de profissionais da área. O elencado comparativo encontrou disparidades e concordâncias. Isso se deu em diversos sentidos, abordados no decorrer do presente artigo. Após discussão de todo o material coletado, percebe-se que a sexualidade nas pré-escolas nem sempre é vista, e isso a impede de ser trabalhada e analisada. Chega-se a indagação de que talvez fosse interessante um trabalho relativo à sexualidade envolvendo os professores para que estes tenham uma melhor compreensão da mesma, como um todo, para que assim possam trabalhar de forma mais adequada a sexualidade de seus alunos quando a situação exigir.

Palavras-chave: Sexualidade infantil. Fase fálica. Educador.

INTRODUÇÃO

A sexualidade, enquanto *prazer* dito carnal, além de enfrentar uma diversidade de tabus sempre foi algo estritamente reservado aos adultos. A ideia de que crianças pudessem possuir já em sua primeira infância alguma forma de sexualidade e buscassem deliberadamente prazer através da estimulação de suas zonas erógenas pode soar até mesmo

[1] Acadêmico de Psicologia. UNOESC. Endereço eletrônico: luan_mattos90@hotmail.com.
[2] Graduado em Psicologia pela Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC – (2002) e Mestrado em Psicologia do Desporto e Exercício pela Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro - UTAD – (2005). Professor Mestre do curso de Psicologia da Universidade do Oeste de Santa Catarina (UNOESC - SMO) e Mestre e Coordenador do Curso de Psicologia (UNOESC - Pinhalzinho). Endereço eletrônico: acmahl@gmail.com.
[3] Psicanalista (CEP de PA), Mestre em Psicologia Clínica (PUCRS). Mestre do curso de Psicologia (UNOESC). Endereço eletrônico: correajuliano@hotmail.com.
[4] Graduada em Psicologia pela Universidade Luterana do Brasil (ULBRA, 1997), possui Pós-Graduação na Abordagem Centrada na Pessoa (1999) e Mestrado em Psicologia Social e da Personalidade pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (2002). Mestra e Coordenadora do Curso de Psicologia (UNOESC). Endereço eletrônico: lisandra.oliveira@unoesc.edu.br.

hoje, em pleno século XXI um tanto promíscua. A literatura, entretanto, afirma o contrário, e pode-se considerar a sexualidade presente desde a mais remota idade (FREUD, 1905). Considerando que hoje o ensino começa cada vez mais cedo e que crianças de três anos já frequentam suas escolas maternais, onde diariamente passam boa parte do seu tempo junto de outras crianças, fica implícito o fato de que os professores, que estão presentes em todos esses momentos, observam e vivenciam situações dos mais diversos tipos envolvendo a sexualidade no ambiente escolar. Deste modo, o presente trabalho justifica-se pela importância de saber qual a visão que os mesmos têm e como trabalham com a sexualidade em seus alunos de três a cinco anos de idade – nesse sentido, a curiosidade sexual está, no presente, incluída entre os comportamentos sexuais manifestos. Justifica-se também pela necessidade de se trabalhar de forma adequada o desenvolvimento integral dessas crianças, incluindo a sexualidade, parte de seu ser. Concomitantemente, buscou-se caracterizar o comportamento sexual presente na fase fálica, como descrita por Freud. Conhecer a visão que os educadores têm e como trabalham com a mesma é fundamental para futuros planejamentos ou treinamentos adequados.

1 SEXUALIDADE

A Psicanálise atribui em sua teoria grande importância à sexualidade (LAPLANCHE; PONTAILS, 2001). Zimerman (2001) traz o termo sexualidade não como algo relativo apenas à genitalidade do ser, algo estritamente relacionado ao sexo como o conhecemos, mas sim um conjunto de excitações e atividades manifestas desde a infância e que: "proporcionam uma satisfação de alguma necessidade fisiológica fundamental" (ZIMERMAN, 2001, p. 384).

Entretanto, ao consultarmos no dicionário Aurélio (1999, p. 1850) o significado da palavra "sexualidade", notamos que a mesma se refere à: 1. Qualidade de sexual. 2. O conjunto de fenômenos da vida sexual. 3. Sexo. Como o interesse do presente trabalho centra-se nas dinâmicas do comportamento sexual (das crianças que se encontram na fase fálica), torna-se pertinente a verificação deste último termo, e ao procurarmos pelo referido encontramos o seguinte: 1. Pertencente ou relativo ao sexo. 2. Referente à cópula (AURÉLIO 1999, p. 1850).

O presente trabalho se desenvolve assim enfatizando a segunda definição, já incluída no conceito psicanalítico de sexualidade. Deste modo, neste artigo, os termos "sexualidade", "sexual", e afins serão usados como "o conjunto de fenômenos da vida sexual". "Pertencente

ou relativo ao sexo", enquanto ato que visa obtenção de prazer sexual/genital podendo não ter fins reprodutivos ou de base biológica.

Schindhelm (2011) atesta que vinculada ao erotismo e à reprodução, a sexualidade apresenta-se como algo mutável por ser manifestada através de fantasias, desejos, pensamentos e relacionamentos, dentre diversas outras formas. O tema seria assim, muito discutido, porém, pouco explicado. Neste sentido, Suplicy (1983) atesta que, por ser mal compreendida, a sexualidade pode gerar conflitos, e o desejo de sua rápida resolução, faz com que muitas vezes não se reflita acerca do tema. Foucault (1990) complementa afirmando que a sexualidade – enquanto discutir e vivenciar – não é apenas interditada pelas leis comuns do homem, mas reprimida e esta:

> repressão funciona, decerto, como condenação ao desaparecimento, mas também como injunção ao silêncio, afirmação de inexistência e, consequentemente, constatação de que, em tudo isso, não há nada para dizer, nem para ver, nem para saber (FOUCAULT; 1990, p. 10).

2 A CRIANÇA. SEXUALIZADA?

É, de acordo com Freud (1905), na primeira infância que as crianças formam suas ideias mais arcaicas sobre sexo, sexualidade e gênero, baseadas no que observam dentro dos diversos grupos e contextos em que se inserem.

Freud (2006) caracteriza a faixa etária cujo presente trabalho se foca, três a cinco anos de idade, como a fase fálica – há discrepâncias entre autores quanto ao final exato dessa fase, mas nesse trabalho será considerado aos cinco anos. De acordo com o autor, nela, pela primeira vez, a criança passa a ter consciência das diferenças sexuais entre homens e mulheres, através da presença ou não do falo (pênis). Nessa fase, a energia libidinal da criança encontra-se direcionada para sua região genital. Bee e Boyd (2011) ressaltam que nesse estágio essa região torna-se a mais sensibilizada do corpo da criança, e ela pode passar a se masturbar.

De modo contrário às percepções de Freud, as atuais concepções de infância e a compreensão do "ser criança" partiram de contribuições teóricas como Ariès, que trata da criança como um ser ingênuo, puro e inocente, bem como incompleto, que necessita da moralização e educação propiciada pelos adultos (SCHINDHELM, 2011).

2.1 Comportamento sexual infantil

Suplicy (1983) atesta que as "primeiras manifestações da sexualidade da criança" fazem com que os pais – e educadores – se preocupem com diversas questões a esse respeito. Dentre elas se apresenta uma angústia de "o que fazer com relação a isso?" e "como fazer isso?". Assim questiona-se: como se dão e de que se tratam essas manifestações?

Para tentar caracterizar o comportamento manifesto por essas crianças, faz-se uso de uma pesquisa realizada em 1995 por Cruz (2003), onde ela apresenta como comportamentos sexuais que mais geram intranquilidade no âmbito da educação infantil a masturbação, beijos, perguntas, curiosidade, ficar junto no banheiro, jogos amorosos e outros. De acordo com Freud, já em 1905 era possível verificar manifestações da sexualidade infantil, como ereção, masturbação e atividades semelhantes ao coito. Entretanto, esses fenômenos eram vistos como anormais ou "exemplos assustadores de depravação precoce" (p. 163). Até então nenhum autor considerava esses exemplos como parte de um desenvolvimento normal. Essa negação da sexualidade como parte do espectro total de vivências e experiências ocorridas na infância pode se dar por duas razões: consequência da criação dos adultos ou da amnésia infantil.

O mesmo postula que o chuchar – movimento de sucção realizado com a boca, do qual não há propósito de nutrição –, que aparece no lactante e em alguns casos pode se manter por toda a vida, é uma das primeiras manifestações da sexualidade infantil. Não é raro que concomitantemente com o chuchar a criança passe a friccionar alguma parte mais sensível de seu corpo, como mamilos ou genitália externa. Posto isso, contudo, em dado momento a satisfação sexual dissocia-se da necessidade de obter alimento. Como resultado dessa dissociação, muitas crianças passam do ato de chuchar ao masturbatório.

Devido ao acúmulo de libido, nessa fase, se dar na região genital e o ao fato de os órgãos de micção e os sexuais serem bastante próximos, a estimulação durante a micção pode promover certos prazeres sexuais:

> pela lavagem e fricção advindas dos cuidados com o corpo e por certas excitações acidentais [...] é inevitável que a sensação prazerosa que essas partes do corpo são capazes de produzir se faça notar à criança já na fase de amamentação, despertando uma necessidade de repeti-la (FREUD, 1905, p. 177).

O estímulo – desconforto ou necessidade – é eliminado e a satisfação alcançada por meio de contatos físicos, sejam eles manipulação com a mão, no caso dos meninos, ou através da união das coxas, método mais comum entre as meninas.

2.2 Curiosidade sexual

Suplicy (1983) elenca que as perguntas das crianças relativas ao sexo podem surgir bastante cedo, por volta de dois ou três anos de idade. Nessas primeiras perguntas as indagações dizem respeito àquilo que a criança observa e seus questionamentos escondem seus temores. Essas perguntas de relativa simplicidade devem ser respondidas também de forma simples. É possível que ela não entenda tudo, mas a resposta fará com que ela se sinta confortável para perguntar novamente.

A autora ressalta a importância de evitar esquivas ou broncas. Mesmo em casos nos quais o adulto não saiba, ou alegue não saber a resposta relativa à pergunta formulada, é de vital importância para a criança que o referido adulto informe-a que se prontifique a buscar a resposta adequada.

Conforme Cruz (2003), as instituições educacionais infantis, como todos os outros locais frequentados por crianças, se constituem espaços onde se observam manifestações da sexualidade infantil, bem como de dúvidas e dificuldades das educadoras com relação a essas manifestações.

3 SEXUALIDADE NA ESCOLA

De acordo com Ribeiro, de Souza e Souza (2004), a ideia de crianças inocentes e assexuadas foi incorporada pelas práticas educacionais. Assim, existe, em algum grau, o entendimento por parte da escola de que a sexualidade configura-se como algo privado, que não deve ser exposto ao público. Dessa forma, no caso da criança, suas manifestações sexuais deveriam ficar apenas no âmbito familiar, bem como sua educação sexual. A escola, deste modo, como espaço público que é não seria considerada o local adequado para se tratar de tal objeto.

Todavia, Ferreira (1999, p. 718) nos mostra o papel do educador como aquele que instrui, promove a transmissão de conhecimentos e educa. De acordo com Figueiró (2006), o

sociointeracionismo postula que o papel do adulto – por consequência do educador – diante do desenvolvimento da criança é proporcionar experiências diversificadas e enriquecedoras, no intuito de que o infante possa fortalecer sua autoestima e desenvolver suas capacidades.

Ainda assim, diante do exposto, e tendo-se ciência de que essa transmissão de *conhecimentos* faz parte da função do educador/professor, é-nos trazido que a sexualidade, com sua extrema importância aos processos de subjetivação que se processam no sujeito, não recebe a necessária importância por parte dos supracitados, que diariamente "lidam com experiências problemáticas que os levam a decisões num terreno de grande complexidade, incerteza, singularidade e de conflito de valores relativos ao sexual" (SCHINDHELM, 2011, pág. 7).

Cruz (2003) aponta para essa necessidade de discussão e trabalho com a sexualidade do infante nas escolas, pois se observam manifestações de comportamento sexual nas referidas, ao passo que professores, e o corpo docente como um todo, se sentem despreparados para trabalhar com isso. Nesse sentido, Ribeiro, de Souza e Souza (2004) postulam que as professoras muitas vezes se utilizam do discurso biológico para falar da sexualidade, talvez buscando uma forma "correta" de como tratá-la no espaço escolar, legitimando assim o discurso científico/escolar e desconsiderando aqueles saberes que a criança possa ter aprendido em outros locais. Cruz (2003) salienta que diferentemente da educação sexual voltada aos adolescentes, que foca-se na prevenção, a sexualidade na educação infantil é tratada como um problema, e a educação sexual é de um tipo corretivo, e busca um "que fazer" diante de uma situação considerada problemática.

A despeito de tal fato, de um modo geral, sexualidade e gênero são temas ainda pouco tratados na educação infantil (LOURO, 2008 apud SCHINDHELM, 2011). Isso pode se dar pelo fato de que, partindo-se da elencada visão da criança como um ser inocente e assexuado, a ideia de transmitir a ela conhecimentos relativos ao sexo, ou lhe falar sobre, causa a impressão de uma inapropriada estimulação da mesma a ter experiências sexuais. Entretanto, estudos da Organização Mundial da Saúde (OMS) demonstram que a educação sexual na escola contribui para um comportamento mais responsável, sem estimular o aumento da atividade sexual (RIBEIRO, DE SOUZA e SOUZA, 2004).

A partir do referido, é latente a importância de os professores de educação infantil possuírem certa habilidade no trato da sexualidade, assunto tão controverso, com seus alunos.

Perguntas surgem e precisam de respostas. Comportamentos se manifestam e devem ser tratados de acordo.

4 MÉTODO

A pesquisa foi realizada fazendo-se uso do método qualitativo. O mesmo é de acordo com Richardson (1999) um método adequado para se compreender a natureza de um fenômeno social.

As três entrevistadas para o desenvolvimento da pesquisa foram escolhidas tendo por base alguns critérios pré-definidos. A saber: ser professor de creche/escola pública, dar aula para crianças de três a cinco anos de idade, possuir em sua turma alunos de ambos os sexos e estar lecionando no momento da pesquisa. Os critérios supracitados foram estabelecidos tendo por base o enfoque da pesquisa e a facilidade para a resolução do problema proposto. As educadoras entrevistadas lecionam em um município do interior catarinense, e dentre todas as disponíveis, a escolha se deu por conveniência.

Utilizou-se para o desenvolvimento da presente um conjunto composto por seis questões caracterizando uma entrevista semiestruturada, ou guiada (RICHARDSON, 1999), que intencionou direcionar a narrativa das educadoras para questões relativas aos seus modos de trabalho e sua visão acerca do conceito de sexualidade – ou comportamento sexual – manifesta por seus alunos. Juntamente com a entrevista, foram apresentados às professoras alguns exemplos genéricos de manifestação da sexualidade por crianças de três a cinco anos – perguntas, toques e outros. A partir disso foram questionadas quanto a suas atitudes diante da possibilidade de vivência do fato. Todos os nomes utilizados no decorrer do presente artigo são fictícios, usados apenas à título de uma melhor organização do texto.

Transcreveram-se as entrevistas posteriormente, e seu conteúdo foi analisado tendo por base o referencial teórico de modo a verificar consonâncias ou disparidades com a literatura que trata do assunto. A análise de conteúdo é, de acordo com Richardson (1999), muito utilizada para o estudo de material de tipo qualitativo. Por ser uma técnica de pesquisa, tem determinadas características metodológicas, como objetividade, sistematização e inferência.

Todas as três participantes assinaram um termo consentindo em participar da pesquisa, bem como permitindo a publicação da mesma. Por questões de preservação da identidade das

entrevistadas, seus nomes foram substituídos por nomes fictícios. À saber: Gabrielle, Merrick e Claudia.

5 DISCUSSÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS

As entrevistas encontram congruências e discordâncias com o material levantado pela pesquisa teórica. As manifestações sexuais elencadas por Cruz (2003) como geradoras de intranquilidades no âmbito escolar, não são sequer notadas por duas das três educadoras. Gabrielle atesta que nada acontece em sua sala, exceto o fato de meninos e meninas brincarem juntos, e, às vezes, gostarem dos modos de brincar do outro gênero. Merrick, pelo contrário, afirma que dois de seus alunos – meninos – tem atitudes segundo ela, "machistas". Os mesmos se recusam a usar objetos cor de rosa ou brincar na casinha que há na sala de aula. A partir do exposto, torna-se pertinente entender os conceitos de sexualidade à que essas profissionais se referem.

A primeira entrevistada evidencia a dificuldade do falar sobre a sexualidade. Mesmo quando Gabrielle afirma que não teria problemas em responder as perguntas de seus alunos, a incoerência se apresenta na preocupação em apresentar seu entendimento do que é sexualidade, sendo que o assunto é tido pela mesma como "pesado". Ela direciona sua fala para formas de manifestação da sexualidade – talvez a seu ver – tidas socialmente como incomuns:

"É... Sexualidade. Sexo, sexualidade, sexualidade da pessoa? Então pode ser sexo feminino, masculino é... Hoje em dia tem outros, tem os homossexuais, os heterossexuais é isso que eu entendo?"

A mesma fala, aponta para uma confusão significativa com relação às distinções de sexualidade, gênero, e orientação sexual, que coloca até mesmo a heterossexualidade, como algo recente, de "hoje em dia". Pode-se inferir daí um desconhecimento da professora sobre os três temas de alguma forma inclusos na resposta. Talvez o assunto tenha apontado para esse foco, homossexualidade e afins, pois realmente os mesmos não se apresentam, e assim não há necessidade de se falar sobre coisa alguma.

Claudia, a segunda entrevistada, entretanto, corrobora a afirmação da autora, e afirma que sim, há evidentes manifestações da sexualidade mais genitalizada no contexto escolar. De acordo com ela seus alunos são bastante curiosos e, buscam olhar a parte genital do

coleguinha e ir ao banheiro juntos. O toque, a masturbação, também pode ser observada em sala, e é entendida pela professora como:

"... algum desejo [...] alguma coisa e a gente não consegue definir o que é...".

O conceito de sexualidade, para essa educadora torna-se bastante similar ao conceito psicanalítico. Sua narrativa se mostra mais aberta para tratar do assunto, e assim, em seu relato, o trabalho com os alunos procede da mesma forma. Para ela sexualidade seria:

"...um jeito gostoso né tipo de vive, afeto, carinho tudo tem a ver com a parte sexual também... Não tem como não ter."

Para Merrick, a terceira entrevistada, sexualidade começa com as distinções sexuais entre feminino/masculino – macho/fêmea, e a partir daí para as orientações sexuais.

Sobre a dificuldade de trabalho dos professores com relação à sexualidade de seus alunos, citada por Schindhelm (2011), Cruz (2003) e Ribeiro, Souza e Souza (2004), novamente houve discrepâncias e concordâncias. As três entrevistadas atestam que discutiriam e explicariam questões relativas ao sexual a seus alunos sem maiores problemas. Entretanto, a partir do momento em que determinado fato não é percebido, qualquer explanação de um agir sobre ele torna-se mera teorização. Quando questionada sobre a curiosidade sexual das crianças Gabrielle alega que elas não perguntam, talvez pela idade. As crianças têm acesso a brinquedos que evidenciam as diferenças entre os gêneros, mas ainda assim a curiosidade, segundo a professora, não se manifesta. Isso vai de encontro ao que Suplicy (1983) nos traz, de que a curiosidade sexual surge bastante cedo. Reitero, na entrevista da educadora é *clara* a ideia de que elas não perguntam. Isso seria talvez em função de serem criaturas inocentes desprovidas de sexualidade como proposto por Ariès?

Manifesta ou não, presente ou não, a sexualidade infantil não é percebida pela educadora. Mas ainda assim as perguntas seriam respondidas da melhor forma possível segundo ela. Merrick confirma que seus alunos também não fazem perguntas, e sua curiosidade não se manifesta – talvez em casa, mas não na escola –, mas ela postula que, devido a episódios anteriores, ela sente um pouco de receio em trabalhar a sexualidade entre seus alunos. O faz, mas por alto.

Claudia acredita que a criança deve ter suas dúvidas sanadas, à medida que seu intelecto permita compreender.

"Eu tenho um aluninho, o Louis [...] Ele não entende que tem que fazer xixi no banheiro! [...] E os coleguinha vem conta né. E as menininha dão risada, elas acham estranho, por que é diferente da maneira das meninas ir no banheiro né."

Nos momentos em que surgem questionamentos – as meninas viram um coleguinha fazendo xixi atrás da escola, por exemplo –, a educadora busca explicitar a resposta de forma breve, mas correta para as crianças. No exemplo, ao falar-se sobre as diferenças sexuais, a educadora faz uso dos nomes corretos dos órgãos genitais, para evitar confusões. As crianças perguntam coisas como, qual a razão para o corpo da professora ser diferente do seu e afins. De acordo com Claudia, questionamentos relativos à chegada dos bebês e coisas nesse sentido são deixados de lado pela criança. Surgem sim comportamentos, e esses abrem brechas para explicações.

O relato das outras duas professoras está de acordo com Cruz (2003). Essa autora traz que a escola se sente despreparada para trabalhar a sexualidade de suas crianças. Nesse sentido, Ribeiro, Souza e Souza (2004) elencam que quando os professores o fazem, buscam um discurso biológico, uma forma correta de passar as informações às crianças.

"Quando a gente trabalhava de primeira a quarta daí sim nós tínhamos que trabalhar né, chegava lá em ciências tinha aquela parte". Gabrielle.

Assim quando o falar sobre faz parte de um conteúdo pré-estabelecido que deve ser cumprido durante o ano letivo, no caso a disciplina de ciências, aí sim surgem questionamentos e perguntas, concomitantemente com a impossibilidade de ignorá-los. O episódio que gerou em Merrick a indisposição para tratar da sexualidade com seus alunos também ocorreu quando a mesma lecionava no ensino básico, ou seja, quando havia a indicação clara para se trabalhar o assunto.

Nessa situação a professora, que explicava a seus alunos sobre diferenças sexuais e origem dos bebês, sentiu-se mal ao descobrir tempos após sua aula, que a mãe de um menino havia lhe explicado a situação de forma diversa. De acordo com a mãe, as mulheres ingeriam uma semente e tempos depois a criança nascia. Esse episódio, a confusão causada na mente da criança fez com que a professora, como acima elencado, perdesse a disposição em explicitar situações de caráter sexual aos seus alunos. Claudia, também cita a família nesse contexto criança, escola, sexualidade. A educadora faz uma pertinente observação. Em sua opinião, o trabalho sobre sexualidade da criança deve envolver a família, uma vez que – como na situação exposta – nem sempre os pais estão preparados para discutir a sexualidade com seus

filhos e instruí-los – relembrando que de acordo com Cruz (2003) a educação sexual na educação infantil não atua em caráter preventivo, mas sim no sentido de "resolver problemas" – para que tenham uma melhor compreensão de si. Em todo caso, apropriado ou não, o discurso das educadoras traz esse ponto. A discordância entre discurso escolar, e o às vezes errôneo, ausente do discurso familiar.

É possível que essas diferenças de percepção e trabalho se deem em razão das crianças, alunos de ambas as educadoras, serem crianças outras e por isso as diferenças comportamentais? Possível, mas pouco provável. Talvez o que aconteça é que uma das educadoras, mais aberta consigo mesma e mais permissiva com relação a sua sexualidade, consiga assim ver a sexualidade do outro, não necessariamente como algo aberto, mas consiga simplesmente *ver,* notar a sexualidade manifesta ao seu redor, inclusive em seus alunos. E esse é o passo inicial para um bom trabalho com relação à sexualidade dessas crianças. Apenas uma boa disposição para falar sobre, para sustentar a criança em suas angústias e esclarecer suas questões relativas ao sexual não bastam, se as manifestações da dita sexualidade não são vistas. Essas manifestações se dão, e por alguma razão, educadoras deixam de notá-las e de explorá-las.

6 CONHEÇA-TE A TI MESMO

Em uma fase da vida em que tudo é novo, as percepções começam a se fazer presentes e as possibilidades investigativas aumentam, a criança busca entender o que não conhece, a tudo questiona e sobretudo busca um porquê, a sexualidade é por ela praticamente ignorada segundo o relato de duas profissionais. Ora, é pouco provável que isso aconteça realmente. A criança estaria questionando e manifestando sua curiosidade apenas em casa, ambiente íntimo à que a sexualidade, segundo Ribeiro, Souza e Souza (2004), deveria se manter? A criança estaria assim respeitando convenções sociais das quais ela ainda não tem muita noção, ou o que tem ocorrido é o fato de essas manifestações da sexualidade e curiosidade sexual estarem passando despercebidas por educadoras que preferem não ver para, talvez, não precisarem trabalhar com um assunto que pode lhes ser angustiante?

Freud (1905) postula que a ignorância de que a sexualidade está presente na infância é o principal fator que nos impossibilita de compreender os princípios mais básicos acerca da vida sexual. Questiono: Aspectos mal resolvidos com relação a nossa sexualidade não nos

impediriam de compreender a sexualidade do outro como algo saudável, e que, com suas manifestações características de cada momento da vida deve se manifestar, e se manifesta realmente? Claudia, como referido, tem uma compreensão bastante significativa da sexualidade, incluindo a sua. Postula que antes de se casar a sexualidade era vista por ela como um tabu, em função de sua criação inclusive, mas hoje tem uma aceitação boa dela. Gabrielle, entretanto, aparenta desconhecer sua sexualidade, sendo que como já exposto coloca a heterossexualidade entre manifestações recentes da sexualidade – se consideramos a evolução histórica da humanidade talvez ela seja mesmo, enquanto orientação *estritamente* heterossexual, mas considerando as práticas ela é mais antiga que a idade do homem –. Assim a pouca compreensão de sua sexualidade, faria com que a mesma não compreendesse a sexualidade de seus alunos, e nesse compreender incluo o *ver* e o *notar,* que já se caracterizam como formas de compreensão: "Vejo que meu aluno se toca, sei que essa é uma manifestação de sua sexualidade. Compreendo que meu aluno se toca buscando algum tipo de prazer".

Entretanto a ideia de que a criança busca prazer sexual soa estranha para boa parte das pessoas. Não se leva em consideração que o contato pele com pele, seja de que parte do corpo for já gera algum tipo de prazer. A região escolhida pela criança só o é por ser a mais sensibilizada de seu corpo. Mas isso, contudo não quer dizer que ela tenha alguma maldade em seus atos. Na maior parte das vezes ela apenas explora seu corpo, e quando questiona ela quer saber mais sobre ele, ou sobre corpos aos quais ela terá possibilidade de assemelhar-se ou não. E nesse caso, ela irá querer saber por que. Suas investidas são assim exploratórias.

É sabido que para se ter uma maior liberdade no trato da sexualidade do outro, faz-se necessário uma boa aceitação de nossa própria. A saber, duas das entrevistadas têm formação concluída em pedagogia. Para a formação da terceira, faltam ainda dois anos e meio. De modo contrário ao que talvez se suponha, a incompletude de sua formação não interfere no entendimento e na abertura que Claudia tem para tratar a sexualidade de seus alunos – talvez um reflexo da abertura que tem com a sua própria.

CONSIDERAÇÕES QUE NÃO CONCLUEM, MAS QUESTIONAM

A sexualidade das crianças de três a cinco anos, incluídas no que Freud denominou fase fálica, é tratada pelos educadores de forma bastante "cuidadosa". Nessa fase, e ainda

antes, a criança já busca prazer, sendo que nesse momento, a região mais favorecida pela libido será a genital, e assim se manifestarão comportamentos relativos à sua sexualidade e seu gênero, bem como à sua curiosidade relativa aos fenômenos do sexual. O entendimento deste último termo por parte dos educadores se mostra parco, uma vez que gênero, sexualidade e afins se confundem em suas narrativas. Nenhuma das entrevistadas tem seu comportamento totalmente de acordo com o descrito pela literatura pesquisada: Professores que notam o comportamento e não sabem como trabalhá-lo, ou o fazem buscando um profissional da saúde com um discurso biológico. Em grau maior ou menor, as três se mostraram dispostas a responder as dúvidas de seus alunos e orientá-los em seus questionamentos. Entretanto, mesmo havendo essa abertura duas delas não notam manifestações dessa sexualidade em sala. Exceto por socializações, ou negações de socialização, entre os gêneros. O trabalho em sexualidade vai assim de encontro às manifestações da mesma, só se dando após um evento precipitador da necessidade de atuação. As narrativas das entrevistadas bem como o referencial levantado fazem refletir a seguinte questão: pessoas que tiveram o desenvolvimento de sua sexualidade de forma mais maleável, e a compreendem mais profundamente, têm mais tranquilidade para discuti-la e para tratar da sexualidade de outras pessoas? Para perceber a sexualidade do outro? Ou talvez essas diferenças no trato da sexualidade se deem em função da direção da formação acadêmica de hoje e da de outrora. Assim, acredito que mais estudos nesse sentido se façam necessários. Por uma razão ou outra, é latente a necessidade de reciclagem por parte de professores mais antigos de pré-escolas em aspectos ligados à sexualidade, inclusive a *sua*. Não em caráter cientificista biológico, mas em um sentido de autoconhecimento e compreensão, para que possam compreender, e assim verdadeiramente propiciar *conhecimento* e favorecer o *desenvolvimento do outro.*

THE PHALLIC EXPRESSION THROUGH THE LOOK OF THE TEACHER: CONSIDERATIONS ON THE VISION AND WORK OF THE EDUCATORS REGARDING SEXUAL BEHAVIOR MANIFEST IN THEIR THREE TO FIVE-YEAR-OLD STUDENTS

Abstract: The present paper deals about the infantile sexuality in the period from the age of three to five years through the perspective of the educator, primarily emphasizing the point of view and their way of working these children's sexuality. The appropriate bibliography on the

subject was raised, and subsequently discussed having the professional's narratives as a counterpoint. The part listed Comparative found disparities and concordances. This perception can be seen in many ways discussed throughout the present article. After discussing all of the material collected, it is clear that sexuality in pre-schools is not always seen and that avoids it from being worked and analyzed. Therefore, you reach the question that some work regarding the sexuality involving teachers themselves is interesting so that they have a better understanding of it as a whole. So that they can work their students' sexuality in a more adequate way when a situation requests them to.

Keywords: Childish sexuality. Phallic stage. Educator.

Referências

BEE, Helen; BOYD, Denise. **A criança em desenvolvimento.** 12. ed. Porto Alegre: Artmed, 2011.

CRUZ , Elizabete Franco. Educação sexual e educação infantil nos relatos de profissionais que trabalham com a formação de educadoras de creche/ pré escola. **Pro – Posições,** [S.l.], v. 14, n. 3, p. 103, 2003. Disponível em: <www.mail.fae.unicamp>. Acesso em: 15 ago. 2012.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Dicionário Aurélio.** 3. ed., 5. imp. Rio de Janeiro: Editora nova fronteira, 1999.

FIGUEIRÓ, Mary Neide Damiceo. **Formação de educadores sexuais.** Adiar não é mais possível. Campinas: Eduel – Mercado das letras, 2006.

FOUCAULT, Michel. Nós, vitorianos. In:_____. **História da sexualidade.** A vontade de saber. 10. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1990.

FREUD, Sigmund. A sexualidade infantil. In:_____. **Três ensaios sobre a sexualidade** (1905b). Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. v. 7. Rio de Janeiro: Imago, 2006.

FREUD, Sigmund. **O Ego e o Id.** Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. v. 19. Rio de Janeiro: Imago, 2006.

LAPLANCHE, Jean; PONTALIS. **Vocabulário de psicanálise.** 4. ed. São Paulo: Martins fontes, 2001. 328 p.

RIBEIRO, Paula Regina Costa; DE SOUZA, Nádia Geisa Silveira; SOUZA, Diogo Onofre. Sexualidade na sala de aula: pedagogias escolares de professoras das séries iniciais do Ensino Fundamental. **Estudos feministas,** Florianópolis, v. 12, n. 1, 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br>. Acesso em: 17 ago. 2012.

RICHARDSON, Roberto Jarry. **Pesquisa social:** Métodos e técnicas. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

SCHINDHELM, Virginia Georg. A construção da sexualidade infantil. Considerações sobre o papel do educador In: X CONPE - CONGRESSO NACIONAL DE PSICOLOGIA ESCOLAR E EDUCACIONAL. 2011. Maringá. **Anais eletrônicos.** Disponível em: <http://www.abrapee.psc.br>. Acesso em: 26 ago. 2012

SUPLICY, Marta. **Conversando sobre sexo.** 21. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 1983.

ZIMERMAN, David E. **Vocabulário Contemporâneo de Psicanálise.** Porto Alegre: Artmed, 2001.